Retrato da sociedade rural inglesa e educação feminina nos romances de Jane Austen

Mariana Aires Alves Veloso*

Resumo

O presente artigo tem como objetivo articular a partir do romance *Orgulho e Preconceito* da autora Jane Austen, aspectos que circundam, em especial, o universo feminino, a sociedade rural inglesa e as relações entre classes. A partir da perspectiva feminina, engendro análises sobre a percepção do casamento como meio de ascensão social, enriquecimento ou empobrecimento, aceitação ou rejeição social, questionamentos acerca da conveniência das uniões, do conflito entre desejo individual e pressão social. Tais análises são essencialmente importantes para deduzir considerações a respeito de vários aspectos da vida social no século XVIII e início do século XIX.

Palavras-chave: *Inglaterra rural; relações de classe; literatura.*

Retrato de la sociedad rural inglesa y educación femenina en las novelas de Jane Austen

Mariana Aires Alves Veloso

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo articular, a partir de la novela *Orgullo y Prejuicio* de la autora Jane Austen, aspectos que circundan en especial el universo femenino, la sociedad rural inglesa y las relaciones entre clases. Partiendo de la perspectiva femenina, crearé análisis sobre la percepción del casamiento como medio de ascensión social, enriquecimiento o empobrecimiento, aceptación o desaprobación social, cuestionamientos sobre la conveniencia de las uniones, del conflicto entre el deseo individual y presión social. Tales análisis son esencialmente importantes para deducir consideraciones sobre varios aspectos de la vida social del siglo XVIII e inicio del siglo XIX.

Palabras llave: Inglaterra rural, relaciones de clase; literatura.

* Graduanda de História na Universidade Federal Fluminense - Polo Universitário de Campos dos Goytacazes. Bolsa de pesquisa financiada pela FAPERJ, desde março/2012. Orientadora: Dra. Débora El-Jaick Andrade.

A Inglaterra vem sendo considerada, bem como a França, palco de profundas transformações econômicas, políticas, sociais e culturais, a partir de eventos como a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. De forma comum, porém em momentos diferenciados, a aristocracia resistiu em aceitar a transferência da direção política à burguesia, o que só foi ocorrer definitivamente no início do século XX.

Na Inglaterra, as mudanças econômicas e sociais ocorreram de forma mais acentuada e rápida, a partir dos cercamentos dos campos para a criação de ovelhas e obtenção de lã, do melhoramento dos campos, da implantação da maquinaria nas fábricas, da extinção prematura do campesinato e formação do proletariado rural. A relação campo-cidade começa a sofrer profundas mutações, sendo que alguns destes processos atingiram a sociedade como um todo. Com essas mudanças, é necessário mencionar o enfraquecimento dos laços paternalistas, o declínio da legitimidade do direito costumeiro, decorrente da hegemonia liberal, o crescimento econômico e político do comércio e dos comerciantes, a ascensão das chamadas *middle classes*, ou seja, da burguesia comercial e industrial que passa a ser, em conjunto com segmentos dos assalariados como artesãos e criados domésticos – grupo mais numeroso entre os assalariados – principais segmentos leitores e consumidores do romance moderno que emergiu no século XVIII. (WATT, 1990: 44). Dentre os consumidores estavam as mulheres, que de modo geral, possuíam mais tempo para a recreação ainda que se tratasse daquelas pertencentes às classes inferiores. Apesar da leitura ser estimulada, vários indivíduos salientavam o perigo dos romances corromperem os costumes.

Não há dúvidas de que as experiências de vida levaram Jane Austen a uma percepção histórica mais aguçada. A carreira literária de Jane Austen resulta desse processo de alfabetização e leitura, sobretudo, entre o segmento feminino do público leitor. Nascida em 1775 em Steventon, Hampshire, em uma família pertencente à pequena aristocracia, Jane Austen e sua irmã Cassandra eram filhas únicas do reverendo George Austen. Ela e a irmã estudaram em um internato em Reading, e foram instruídas em casa, graças à biblioteca do reverendo Austen. Nem Jane, nem sua irmã casaram-se, e isso possibilitou a inserção de forma mais assídua na carreira de escritora, que poderia ter sido abandonada com o casamento.

O romance como gênero literário, fornece importantes pistas sobre aspectos do real, inscrito em seu contexto histórico. Cabe ao historiador investigar e localizar os pequenos detalhes, como bem fez Carlo Ginzburg, quando reconstitui as experiências de leitura do moleiro Menocchio como uma forma de acesso a cultura subalterna no norte da Itália no século XVI e Robert Darnton que, partindo de documentos inicialmente sem respostas, procurou ter acesso a signos e significados que revelassem como as pessoas de outro tempo e sociedade pensavam aspectos de seu próprio mundo. (CHALHOUB, 1990: 16). Sidney Chalhoub utilizou esses dois autores como referencial teórico e metodológico para confirmar a necessidade na busca pelos vestígios presentes nos documentos, que muitas vezes ficam à margem dos textos oficiais, como demonstra a citação abaixo:

> *Não, os fatos nunca estiveram lá, de tocaia, prontos para tomar de assalto as páginas dos historiadores; foi preciso investigar seus rastros – os documentos – e construí-los a partir dos interesses específicos de cada autor e da imaginação controlada característica da disciplina histórica.* (CHALHOUB, Sidney. 1990: 16).

Assim como na obra de Sidney Chalhoub, em que a literatura é apresentada como fonte privilegiada, pretendemos utilizá-la para encontrar os rastros da realidade social, cujos significados não estão plenamente evidentes na sociedade.

O romance *Orgulho e Preconceito*,escrito no final do século XVIII e publicado pela primeira vez em três volumes pela editora T. Egerton, Whitehall no ano de 1813, se concentra na trajetória e ações da personagem Elizabeth Bennet, cujos pais pertenciam à chamada aristocracia fundiária. Lizzie, como era chamada, possuía três irmãs mais novas, todas ainda solteiras. A Senhora Bennet preocupava-se excessivamente com o bem-estar futuro das filhas. Numa das falas da Sra. Bennet, podemos perceber sua constante preocupação:

> *Se eu puder ver uma das minhas filhas casada e feliz morando em Nertherfield, disse a senhora Bennet ao marido, e todas as outras igualmente bem casadas, não quero mais nada na vida.* (AUSTEN, 2011: 110)

Além de retratar essa camada social, o romance apresenta através dos personagens Mr. Darcy, Mr. Bingley e sua irmã Ms. Bingley, a chamada alta

aristocracia. Austen retrata clara e densamente a formação e consolidação dessa classe no campo, amplamente caracterizada por hábitos e costumes particulares.

O romance se inicia a partir da relação entre a Senhora Bennet e suas filhas, principalmente Jane Bennet, que por ser considerada a mais bela, estaria reservada ao casamento mais promissor. Nesse contexto, acontece a chegada do Senhor Bingley, detentor de 4 ou 5 mil libras por ano, que atrai a atenção e o olhar da senhora Bennet.É o que podemos perceber no primeiro parágrafo do livro:

> *É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, de posse de boa fortuna, deve estar atrás de uma esposa.*
> *Por mais desconhecidos que sejam os sentimentos e as opiniões desse homem no momento em que chega a uma nova vizinhança, tal verdade está tão bem entranhada na mente das famílias da região que ele é considerado, imediatamente e por direito, propriedade de uma ou outra de suas filhas.* (AUSTEN, 2011: 103).

Porque, além da renda, Mr. Bingley tinha também a aparência e a elegância, que se adequavam aos padrões civilizados da Inglaterra georgiana. Jane Austen o descreve da seguinte forma:

> *O senhor Bingley tinha boa aparência e modos cavalheirescos; semblante agradável, comportamento tranquilo e sem afetação. Suas irmãs eram belas mulheres, de ar decidido. O cunhado, o senhor Hurst, era um cavalheiro discreto; mas o amigo, senhor Darcy, logo chamou a atenção no ambiente por seu porte distinto, alto e bonito; e o que corria entre todos ali, cinco minutos após sua chegada, era que dispunha de uma renda de dez mil libras por ano.* (AUSTEN, 2011: 111)

Para Austen, determinadas características iam definindo o perfil daquela elite agrária, que se destacava, mediante determinadas peculiaridades. Estabelecido o contato entre a família Bennet, a família Bingley e os Darcy, foram então surgindo laços, laços, estes que para a família Bennet, se concretizariam em casamento entre Jane Bennet e o Senhor Bingley. Isso era um problema para a irmã de Bingley e para Mr. Darcy, que julgavam não somente a senhorita Jane Bennet, mas toda a sua família, como "selvagens".

Para além destes conflitos amorosos, diversos outros específicos para caracterização dos costumes permeavam aquela sociedade. Como por exemplo, o papel

do direito de herança e propriedade. Como diz Edward Thompson, a *gentry* que estava representada no Estado, exercia influência em todos os níveis sociais[1]. Thompson propõe que o paternalismo, como ideologia da classe dirigente, era apropriado de forma recíproca, a partir da relação de dependência que envolvia a *gentry* e a plebe. Historicamente, existiram embates com relação à ascensão da burguesia. A aristocracia se via ameaçada, pois a ascensão da burguesia poderia arruinar o equilíbrio da sociedade. Com a preponderância do trabalho livre e a emergência do comércio mercantil, acentuou-se a ruptura dos laços de dependência, causando uma séria preocupação à *gentry*, devido ao desequilíbrio social que estava por se proceder e que, naturalmente, fugia ao seu controle.

No romance, a família Bennet, possuía aquela propriedade em que residiam até que o Sr. Bennet morresse, porque a partir de sua morte, a tal propriedade seria repassada para um parente homem mais próximo, no caso o Sr. Collins. Na Inglaterra até o século XX, as mulheres não eram qualificadas como herdeiras de propriedades e títulos da aristocracia. Existe todo um conflito em torno dessa questão, pois a senhora Bennet, temerosa em perder sua propriedade, vê a necessidade de casar uma de suas filhas com o reverendo Sr. Collins, que era herdeiro da propriedade em Netherfield. Numa conversa com o Sr. Collins, Lady Catherine, aristocrata com as mais altas relações sociais e tia do Senhor Darcy, afirma:

> *Senhor Collins, o senhor deve se casar. Um clérigo deve se casar. – Escolha bem, uma dama em minha honra; e, para a sua própria, deixe que ela seja um tipo de pessoa ativa, útil, não uma criada de luxo, mas alguém capaz de usar bem uma pequena renda*. (AUSTEN, 2011: 219).

Essa fala representa o aconselhamento por parte de Lady Catherine, destacando a importância dos processos de distinção que envolviam a *gentry* e as demais classes sociais. No transcorrer do romance, Sr. Collins contrai matrimônio com uma amiga de Elizabeth Bennet, que se casa sem estar apaixonada. Ela porém acredita nisso como a solução para a possível solteirice, já que tinha 27 anos e já se considerava um fardo para seus pais.

---

[1]THOMPSON, Edward. *Patrícios e Plebeus.* In: **Costumes em Comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo, Companhia das letras, 1988. p. 29.

Ao longo da trama do romance, as relações conflituosas acabam se desenvolvendo para sentimentos amorosos incubados, à medida que se estabelece a proximidade entre os personagens principais. Contudo, ao final do romance, Elizabeth Bennet e Mr. Darcy se casam. Percebemos que a tese do romance, como uma forma de proporcionar uma orientação para o sucesso dentro daquela sociedade, se confirma como uma forma de explicar o porquê dos romances terem um final feliz, já que a própria vida da autora foi fadada a solteirice. Tanto no romance *Orgulho e Preconceito*, como em outro romance *Razão e Sensibilidade*, Jane Austen preza pelo equilíbrio das emoções para o sucesso dos enlaces matrimoniais.

Em toda a sua narrativa entrevê-se como eram as relações sociais de gênero que se entrecruzavam com relações sociais de classe. Existem certas regras que a mulher aristocrática precisava cumprir para se adequar a esta classe e, automaticamente, se distinguir das demais mulheres. A vestimenta é um dos signos que torna evidente a distinção em vários momentos do romance. Fica claro, por exemplo, no trecho:

> *Não se aflija, minha cara prima, com seus trajes, Lady Catherine jamais exigiria elegância no vestir da nossa parte, isso cabe a ela e à filha. Eu a aconselharia apenas a usar suas melhores roupas, a ocasião não requer nada além disso. Lady Catherine não pensará pior de você por se vestir com simplicidade. Ela preza pela* ***distinção de classe****. (AUSTEN, 2011: 282).* (Grifos feitos pelo autor).

Essa conversa se passa em Rosings, onde a anfitriã era Lady Catherine, e se trata de um diálogo entre o reverendo Senhor Collins e a protagonista, Elizabeth Bennet. Lady Catherine pertence à *gentry* e se posiciona como detentora e conhecedora dos costumes, e assim é tratada por todos. Neste diálogo, fica evidente como a distinção de classe se mostra presente através da vestimenta como signo, como é proposto por Pierre Bourdieu. Assim ele examina a moda e seu significado social:

> *E Simmel observa ainda que a moda, porque permite marcar simbolicamente 'a distinção' pela possibilidade de adotar sucessivamente diferentes signos distintivos, obedece a uma lógica semelhante à da honra (pelo menos a que se observa nas sociedades estratificadas), na medida em que também confere uma marca comum aos membros de um grupo particular, distinguindo-o dos estranhos do grupo. (BOURDIEU, 2001: 18).*

A percepção de Bourdieu com relação aos processos de distinção pode ser aplicada como um processo contínuo e histórico. Na Inglaterra rural no século XVIII e XIX, a aristocracia sempre se destacou na forma de promover a distinção através de aspectos particulares e que são presentes no cotidiano, assim como esse hábito permanece até os dias de hoje.

Ao lado disto, é de fundamental importância para a aristocracia no século XVIII e XIX que uma mulher tenha domínio em diversas áreas como música, canto, desenho, línguas, para que seu "valor" seja consolidado.

> *Uma mulher deve ter amplo conhecimento da música, do canto, do desenho e das línguas modernas para merecer tal qualificação; e, além de tudo isso, deve possuir certo quê em seu comportamento, seu modo de andar, seu tom de voz, sua entonação e suas expressões, ou o adjetivo só valerá pela metade.* (AUSTEN, 2011: 144).

Esta passagem se refere à personagem Charlotte Lucas, amiga de Elizabeth Bennet, e se relaciona a uma questão importante, o pavor da solteirice, especialmente para aquelas que não desfrutavam de um dote que atraísse pretendentes. O casamento representava uma forma da mulher se manter estável, emocional e economicamente:

> *Sem nunca haver sonhado muito alto com esposo e matrimônio, casar-se sempre fôra seu objetivo; era a única saída honrada para mulheres bem-educadas de poucos recursos e, embora a probabilidade de felicidade fosse incerta, haveria de ser a forma mais agradável de proteção contra a necessidade.* (AUSTEN, 2011: 238).

A etiqueta atingia, portanto, um patamar essencial dentro da sociedade, pois delimitava a fronteira entre o ser civilizado e o selvagem, questões essas que vinham acompanhadas de prestígio, poder econômico, realeza. A aristocracia se diferencia pelo seu bom comportamento, consideravelmente associado à boa educação, por seus costumes finos e conversas formais. Algumas questões são fundamentais, como o nome, a reputação que a família carrega, de um aspecto tanto social, quanto econômico. A passagem a seguir ilustra esta asserção:

> *O senhor Bingley tinha* ***boa aparência e modos cavalheirescos; semblante agradável****, comportamento tranquilo e sem afetação. Suas irmãs eram belas mulheres, de ar decidido. O cunhado, o senhor Hurst, era um* ***cavalheiro discreto;*** *mas o amigo, senhor Darcy, logo chamou a atenção no ambiente*

por seu ***porte distinto, alto e bonito*** *de nobre; e o que corria entre todos ali, cinco minutos após sua chegada, era que dispunha de uma renda de dez mil libras por ano.* (AUSTEN, 2011: 111). (Grifos do autor).

Jane Austen utiliza adjetivos durante o transcorrer do livro para caracterizar tanto os membros da *gentry*, quanto aqueles que pertenciam à baixa aristocracia. Na citação acima, os elementos sublinhados se referem à forma como a *gentry* se portava e se distinguia:

Tenho uma consideração excessiva por Jane Bennet, ela é realmente um doce de menina, e desejo de todo coração que encontre uma boa posição na vida. Mas com um pai e uma mãe assim, e com essas relações tão baixas, receio que não haja nenhuma chance de isso acontecer. (AUSTEN, 2011: 141)

Essa passagem do romance retrata um pensamento da mulher aristocrática representada pela Senhora Hurst, onde fica evidente como a aristocracia se refere à família como sendo fundamental para que Jane Bennet "encontre uma boa posição na vida". O trecho está destacado por aspas, pois uma das formas mais eficazes de ascensão social para a mulher era através dos laços matrimoniais, observando-se o exemplo da personagem Jane Bennet.

Em todo o transcorrer do romance, fica claro que existe uma distinção clara dentro dessa aristocracia. De um lado, a família Bennet, sobrevive da renda do aluguel de terras a agricultores da região. Podemos considerá-la pertencente à pequena aristocracia agrária, enquanto, de outro lado, os Bingley provém de uma família de ricos comerciantes que adquiriu propriedades, e os Darcy descendem da nobreza fundiária mais antiga do reino, ambos pertencem à alta aristocracia. Essa distinção como Bourdieu menciona, é resultado de elementos culturais e econômicos.

Em um diálogo entre Lady Catherine de Bourgh e Elizabeth Bennet, percebe-se como a cultura erudita era por ela reconhecida como um fator propulsor desse processo de distinção:

Suas irmãs tocam e cantam? [Lady Catherine pergunta a Elizabeth]. Uma delas, sim.
Por que vocês todas não aprenderam? [Novamente Lady Catherine pergunta a Elizabeth]. – Devem ter estudado. Todas as senhoritas Webb tocam e cantam, e o pai delas não tem a renda do seu. (AUSTEN, 2011: 285)

Neste diálogo, pode-se perceber que a cultura em dados momentos ultrapassa o fator econômico e possui certa predominância nos processos de distinção, processos, estes que se perpetuam com o tempo nas sociedades ocidentais, de formas e intensidades diferentes.

Para Norbert Elias, essa ideia da distinção acontece até em um dado momento, pois à medida que se dissemina a civilização, os contrastes na conduta entre os grupos superior e inferior vão sendo reduzidos. (ELIAS, 1994: 213) Em uma breve passagem do texto é possível entrever esta tendência, já que a dança, considerada um elemento importante das sociedades refinadas, deixa de ser caracterizada dessa forma, tendo em vista, a sua "popularização":

> *Esta é uma diversão encantadora para os jovens, senhor Darcy! – Não há nada como a dança, afinal. – Considero um dos principais refinamentos das sociedades educadas. Certamente, senhor – e tem a vantagem de estar também em voga entre as sociedades menos educadas do mundo. – Todo selvagem sabe dançar.* (AUSTEN, 2011: 129)

Num ato de impulso guiado por uma preocupação com a irmã adoentada, Elizabeth Bennet, deixa-se ser guiada por suas emoções e, com isso, seu comportamento é julgado pela aristocracia feminina, representada na fala da Senhorita Bingley:

> *Caminhar três ou quatro milhas, até cinco, ou o que seja, com os pés enfiados na lama, e sozinha, totalmente só! O que ela queria com isso? Parece revelar um tipo abominável e arrogante de independência, uma indiferença provinciana com o decoro.* (AUSTEN, 2011: 140)

À mulher, à quem cabia seguir com todas as exigências impostas pela sociedade, não era conveniente demonstrar algum tipo de independência, tanto no modo de agir, quanto no modo de pensar. Pois esse tipo de comportamento, assim como mencionado no trecho acima, seria considerado selvagem.

Norbert Elias associa a noção de "civil", ou "ser civilizado", ao autocontrole, ou seja, na sociedade civilizada do início do século XIX é necessário exercer o autocontrole em relação às suas emoções e paixões, pois isso levaria ao ser civilizado. Podemos destacar dois momentos que se sobressaem durante o romance. Nessa primeira citação, Elizabeth Bennet e o Senhor Darcy, estabelecem um diálogo sobre impulsos e

autocontrole de suas emoções, onde Elizabeth questiona Darcy: “A falta de civilidade não é a própria essência do amor?” (AUSTEN, 2011: 260). Segundo ela, quando o ser humano se deixa guiar deliberadamente pelo amor, ele deixa de ser civil.

Enquanto visitava a mansão de Lady Catherine de Bourgh Elizabeth Bennet especulava sobre a possibilidade de possuía-la:

> *Em vez de olhá-las como uma forasteira, podia desfrutá-las como dona, [Elizabeth referindo-se a mansão Rosings] e receber meu tio e minha tia como minhas visitas. – Mas não, recompôs-se, - isso nunca: eu não poderia manter relações com meu tio e minha tia: não teria nem permissão de convidá-los.* (AUSTEN, 2011: 374).

Essa passagem retrata duas possibilidades para Elizabeth caso realizasse um casamento na alta sociedade: por um lado, a afeição pelos parentes a levaria a convidá-los para seu convívio; por outro, as regras de adequação aceitas socialmente não permitiriam tal espontaneidade. A conclusão à qual ela chega a leva a retomar o autocontrole, o limite entre o racional e as emoções.

Em outro episódio, em que Darcy explica o porquê de ter se intrometido na relação entre Bingley e Jane Bennet.

> *Mas não terei escrúpulos em afirmar que a serenidade da expressão e dos ares de sua irmã era tal que dava mais agudo observador a convicção de que, por mais que seu gênio fosse amável, seu coração não era fácil de tocar. – Que eu desejava acreditar na indiferença dela é um fato certo – mas ouso dizer que minhas investigações e decisões não são geralmente influenciadas por meus medos e esperanças.* (AUSTEN, 2011: 322)

Darcy, nesse momento indaga sobre o fato de Jane não demonstrar “sentimento” para com Bingley. É nesse sentido que Elias afirma que, desde a tenra idade, a criança já crescia condicionada a esse autocontrole das tensões e paixões. Pois a exposição das paixões e emoções não era mais considerada civil. Darcy, ao final da citação, menciona que “minhas investigações e decisões não são geralmente influenciadas por meus medos e esperanças”, ou seja, ser guiado por emoções poderia ser motivo de erro. Partindo da análise do personagem do Senhor Darcy, pode-se introduzir a ideia de que ele estava muito preso à racionalidade, que está de forma muito convicta relacionada à filosofia

empirista, que era muito vulgarizada e popular no século XVIII e na primeira metade do século XIX, sendo ensinada nas escolas e em manuais de filosofia.

Podemos entender como os romances da autora Jane Austen foram de total influência para homens e mulheres do século XVIII e XIX, na Inglaterra. Para isto, partimos da leitura que Robert Darnton faz a partir dos textos de Jean Jacques Rousseau e sua influência no contexto histórico, ou seja, como esses leitores eram influenciados por esta literatura, por esta nova forma perceber o mundo. Segundo Darnton:

> *A retórica de Rousseau abria um novo canal de comunicação entre dois seres solitários, o escritor e o leitor, e reformulava seus papéis. Rousseau seria Jean-Jacques, cidadão de Genebra e profeta da virtude. O leitor seria um jovem provinciano, um cavalheiro rural, uma mulher reprimida pelas convenções da sociedade, um artesão excluído do refinamento – não importava, desde que ele ou ela pudesse amar a virtude e entender a linguagem do coração.* (DARNTON, 1986: 297)

Da mesma forma que Rousseau na concepção de Darnton influenciava os leitores, a partir de suas obras, é compreensível como Jane Austen influenciou e principalmente, educou as pessoas a se portarem de forma que fosse possível serem aceitas naquela sociedade tradicional inglesa. Através dos signos da linguagem, nota-se essa influência, querendo ultrapassar os limites da leitura.

A influência das obras de Jane Austen procedeu de forma concreta, tendo como principal motivador o público feminino, que era impulsionado pelo desejo de casar-se e pelo terrível medo da solteirice. Os romances propunham formas de lidar com as várias situações cotidianas e estratégias femininas que poderiam ser adotadas em meio às restrições impostas pela sociedade patriarcal. A solteirice acarretava desconfortos tanto sociais, quanto econômicos. Possuir um dote qualificava a moça a escapar a este terrível destino, estigmatizado pela comunidade, pois era um instrumento que garantia que a mulher não passaria por dificuldades econômicas quando casada, já que não era um hábito daquela sociedade a inserção da mulher no mercado de trabalho. Para os maridos, era a certeza de que as esposas não seriam um fardo e de que começariam a vida de casados com uma renda substanciosa para investir ou gastar.

Enfim, Jane Austen, como romancista e mulher solteira, deteve um olhar privilegiado sobre seu tempo, sobre as pessoas e sua conduta, a relação com o dinheiro e com o status social. A compreensão do retrato característico da sociedade rural inglesa

que reconhecemos através do romance, é essencialmente importante para perceber como se reproduzem os costumes e processos de distinção, perpetuados pelas classes dirigentes até hoje nas sociedades ocidentais.

Fontes:

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza; prefácio e notas de Vivien Jones; introdução de Tony Tanner. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

Bibliografia:

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4a. ed. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 322p.

___________. **A economia das trocas simbólicas**. 5a. ed. Trad. Sérgio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2001.361p.

CHALHOUB, Sidney. *Introdução: Zadig e a história*. In: **Visões da liberdade. Uma história das últimas décadas da escravidão na corte.** São Paulo: Companhia das letras, 1990.

DARNTON, Robert. *Os leitores respondem a Rousseau: A fabricação da sensibilidade romântica.* In: **O grande massacre dos gatos.** Rio de Janeiro. Graal, 1986.

ELIAS, Norbert. *Sociogênese do conceito de civilization e Kultur*. In: **O processo civilizador**. vol 1 Uma história dos costumes. RJ: Jorge Zahar,1994.

_______________. *Do controle social ao autocontrole*. In: **O processo civilizador.** vol 2 Formação do Estado e civilização. RJ: Jorge Zahar,1994.

ROUSSEAU, J.J**. O discurso sobre a desigualdade entre os homens**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

THOMPSON, Edward. *Patrícios e Plebeus.* In: **Costumes em Comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo, Companhia das letras, 1988.

WATT, Ian. **A ascensão do romance, Estudos sobre Defoe, Richardson, Fielding.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.